


O papel do professor universitário na contemporaneidade: Práticas e desafios na construção do conhecimento

The role of the university professor in contemporary times: Practices and challenges in building knowledge

 <https://doi.org/10.56238/sevedi76016v22023-056>

Pedro Sousa Andrade

Doutor em Psicologia Educacional (CVNG)
Docente na Universidade Agostinho Neto, Luanda. Angola.

Franklim Lukibo Bivingo

Mestrando em Comunicação, Marketing e Publicidade na
Universidade Gregório Semedo, Luanda. Angola. Docente
na Universidade Cuito Cuanavale, Cuando Cubango.
Angola

Pedro Braz Paca

Doutor em Administração e Negócios (ULP)
Docente na Universidade Cuito Cuanavale,
QuandoCubango.Angola

RESUMO

O presente artigo visa abordar as práticas e desafios do professor universitário na contemporaneidade e na construção do conhecimento, tendo em conta seu papel no contexto actual buscando fazer com que o corpo discente participe da sua formação através da integração e cooperação de todos, uma vez que o papel do docente nos dias de hoje ,está voltado ao estímulo da busca pelo conhecimento, à motivação dos alunos a aprender, a ter senso crítico, a ser um formador de opinião e não só repetir o que lhes foi passado. Na investigação deste artigo realizou-se uma pesquisa exploratória com a técnica de pesquisa bibliográfica em livros, e artigos/este trabalho objetiva focar o papel do professor na busca do conhecimento/auxiliando o aluno universitário na interpretação do que lhe é ensinado. para que o mesmo consiga aplicar os ensinamentos no seu dia-dia profissional ou mesmo pessoal. Isto fortalece a compreensão de que é necessário manter um trabalho

reflexivo sobre as práticas que permeiam a profissão docente e que dão continuidade ao processo de ensino.

Palavras-chave: Papel do professor, práticas e desafios, contemporaneidade, conhecimento, aprendizagem.

ABSTRACT

This article aims to address the practices and challenges of the university professor in contemporary times and in the construction of knowledge, taking into account its role in the current context seeking to make the student body participate in its formation through the integration and cooperation of all, since the role of teachers nowadays, is aimed at stimulating the search for knowledge, to the motivation of students to learn, to have critical sense, to be an opinion-giver and not only to repeat what was passed on to them. In the investigation of this article, an exploratory research was carried out with the technique of bibliographic research in books, and articles/this work aims to focus on the role of the teacher in the search for knowledge/assisting the university student in the interpretation of what is taught to him. so that it can apply the teachings in your professional or even personal day-to-day, so that it can apply the teachings in your professional or even personal day-to-day. This strengthens the understanding that it is necessary to maintain a reflective work on the practices that permeate the teaching profession and that continue the teaching process.

Keywords: Role of the teacher; practices and challenges; Contemporaneity; knowledge; apprenticeship.

1 INTRODUÇÃO

Ao se fazer uma reflexão sobre a evolução do ensino e da aprendizagem, percebe-se que os métodos do passado foram se transformando durante a história, de acordo com as necessidades de uma determinada época, se encaixando na realidade da mesma, adaptando-se a princípios culturais e sociais desse período.

O modo de aprender também sofre transformações a medida em que a metodologia do ensino se modifica, se moderniza. Nos dias de hoje, em sala de aula, faz-se importante haver uma interação professor-aluno, uma vez que a busca pelo ensino superior já não é mais somente técnica, mas sim, voltada ao crescimento pessoal e ao projeto de vida de cada aluno.

Conhecer a evolução dos processos de ensino-aprendizagem e confrontá-los com os novos tempos é fundamental para que os profissionais da educação reflitam sobre o objeto do ensino superior e até que ponto houve uma evolução capaz de atender as necessidades de uma realidade totalmente diferente do século passado. Nos dias de hoje toma-se necessário rever os paradigmas educacionais para oferecer um aprendizado voltado ao pensar, analisar, criticar, e não repetir o que se foi dito.

Há de se considerar que, ao se ingressar na universidade, o aluno descobre um mundo novo, com novas ideias, pensamentos revolucionários, amizades diversificadas. Nesse contexto, o papel de uma Instituição de Ensino Superior é "formar formadores de opinião" e não meros robôs-papagaios que repetem tudo o que lhes falam de maneira superficial, onde o papel de professor universitário é fundamental, conforme nos mostra Paulo Freire (1979) em seu conceito de aprendizagem da "conscientização" ou "consciência crítica".

Assim, os professores têm grande influência e um importante papel a desempenhar nesse contínuo processo de absorver novas concepções e visão de mundo dos universitários, principalmente no que se refere ao senso crítico. Constata-se que, da antiguidade à modernidade, muita coisa mudou, menos a importância desse profissional (o professor), fundamentalmente para o crescimento, aprendizado, amadurecimento e formação ética.

Por outro lado, na actual era digital, pode haver quem afirme que o computador irá substituir o professor, e que nesta era em que a formação chega de muitas maneiras, o professor perdeu sua importância. O crescente avanço do uso das tecnologias de informação no contexto educacional pode levar ao falso entendimento de que a simples inserção desses recursos, como, por exemplo, a internet, garante uma educação inovadora.

Com a realização deste artigo, pretende-se mostrar a importância do professor universitário na construção do conhecimento, frisando a necessidade de professor assumir diferentes posturas em relação à educação e as metodologias que procuram articular os processos de ensino e de aprendizagem com o de mudanças sociais que assolam o dia-a-dia de professores e alunos.

Sendo assim, para se compreender melhor o fenómeno estudado determinou-se como pergunta de partida: até que ponto a educação a distância permite o desenvolverdo senso crítico se o professor tem um papel importante no desenvolvimento do mesmo?

Para construir uma resposta a essa pergunta, é preciso refletir, dentre vários aspectos, sobre o que o professor entende por aprendizagem, qual é o papel do professor e do aluno nesse processo, como deve ser sua intervenção para possibilitar uma aprendizagem significativa e desenvolvimento de competências e condutas adequadas a realidade contemporânea. Essa construção está relacionada também ao entendimento de como as tecnologias podem estar aliadas a esse processo.

Já afirmava Sócrates (apud Garavante, 2008), que o mestre tem um papel de importância que vai muito além de ser simples fornecedores de informações de alguém que contribui para que os seus discípulos sejam capazes de por si mesmo, de gerar e construir seu próprio conhecimento. No entanto, este papel de gerador de conhecimento, deve ser praticado no dia-a-dia na sala de aulas, no contacto físico, humano, no incentivo, através do questionamento sistemático e o diálogo entre professor e aluno.

Este artigo justifica-se uma vez que o estudante universitário deve incorporar uma visão crítica da realidade, com conhecimentos sólidos do processo de aprendizagem, mostrando que o professor tem um importante papel neste desafio que é a construção do conhecimento.

Para isso, esta pesquisa exploratória se fundamenta no estudo bibliográfico de nomes conceituados na área de ensino, assim como na observação da realidade em sala de aula, no dia-a-dia como professor universitária, objectivando mostrar que, mesmo através dos tempos, mesmo com a modernidade mesmo com a tecnologia intensiva invadindo as escolas e universidades, o professor tem um papel fundamental na construção do conhecimento.

2 METODOLOGIA

A realização desta pesquisa, obedece uma investigação bibliográfica, exploratória, com um enfoque qualitativo, destacando uma abordagem sobre o professor universitário na contemporaneidade, olhando para suas principais práticas e desafios na construção do conhecimento. A pesquisa destaca o papel do professor universitário enquanto pilar no processo de ensino e aprendizagem e na construção do conhecimento, apoiando se nas abordagens de Gauthier (1996) apud Tardif (2011), Tardif (2000), (Masetto, 2010), (Brandão; Andrade, 2017), (Gil.2013). Ao final da pesquisa foi possível perceber que é notório o impacto do professor universitário na contemporaneidade, face o seu papel no processo de ensino e aprendizagem e na construção do conhecimento.

3 O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NA CONTEMPORANEIDADE

Os professores são profissionais essenciais na construção dessa escola, “os professores contribuem com seus saberes, seus valores e suas competências nessa complexa tarefa” (Pimenta, 2005, p. 7). Sua

contribuição é essencial para mobilizar a educação escolar de acordo com as exigências das demandas sociais adequadas ao contexto em que vivemos.

Face aos dias contemporâneos, marcado por transformações e desafios, a atuação do professor torna-se cada vez mais complexa. Segundo Gauthier (1996) apud Tardif (2011 p.145) "Em nossas organizações escolares, o professor não exerce influência direta sobre as finalidades da educação. Contudo, ele pode controlar os meios, isto é o ensino."

Atualmente o maior desafio da docência no ensino superior é fazer com que os graduandos tenham uma participação ativa nas discussões de sala de aula e que aprendam os conteúdos de forma significativa. Em relação à prática do docente, em muitos casos identifica-se que a dificuldade não está no conteúdo a ser ensinado, mas nos aspectos didáticos e metodológicos pelo fato de o professor apresentar domínio do conteúdo que ministra, mas não possuir habilidades didáticas para desenvolver o ensino de forma eficaz.

O exercício pedagógico da docência no ensino superior ainda é uma questão que demanda estudos e reflexões que voltem o olhar para as atividades de ensino, tarefa que exige conhecimentos específicos e que, na Educação Superior, vem sendo historicamente secundarizada. Resgatar essa questão implica na compreensão da educação num sentido mais amplo, que extrapole os valores mercadológicos tão presentes no espaço educacional, em especial as instituições de ensino superior, na atualidade. É, pois preciso pensar a educação como princípio de liberdade e de justiça social, como um processo de humanização cujos objetivos se prendem a fins mais amplos de realização humana. Implica em compreender a educação como [...]um processo de humanização. Ou seja, é o processo pelo qual se possibilita que os seres humanos se insiram na sociedade humana, historicamente construída e em construção. Sociedade que é rica em avanços civilizatórios e, em decorrência, apresenta imensos problemas de desigualdade social, econômica e cultural (Pimenta e Anastasiou, 2008, p. 97). A educação superior é responsável pela formação de mão de obra capacitada para atuar em todas as áreas do conhecimento e deve atender às constantes transformações do camaleônico mercado de trabalho.

Não pode ser vista como algo estático, ao contrário, é um processo ativo influenciado e influente com as múltiplas esferas do meio societário. As mudanças e avanços tecnológicos, na produção e disseminação de conhecimentos, nos valores e expectativas sustentados pelo homem na sociedade atual, as exigências do capitalismo e, até mesmo, a diversidade social do aluno do ensino superior são alguns exemplos que poderiam ilustrar, sumariamente, essa questão permitindo uma tímida configuração da complexidade que encerra a prática do ensino na universidade. A propósito da complexa tarefa do ensino na educação superior, Pimenta e Anastasiou (2008, p. 103) enfatizam: O ensino na universidade caracteriza-se como um processo de busca e de construção científica e crítica de conhecimentos. As transformações da sociedade contemporânea consolidam o entendimento do ensino como fenômeno multifacetado, apontando a necessidade de disseminação e internalização de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, procedimentos, crenças, atitudes). Essa perspectiva evidencia a necessidade constante de o

docente do ensino superior se inventar e reinventar continuamente no exercício de sua docência. Ao colocar em relevo o aspecto pedagógico e a atividade de ensino, não pretendemos induzir a visão simplista docência, que passa pela associação linear de docência salade aula, /, docência/, ensino/transmissão de conhecimento, como alertam Brito & Cunha (2008).

De forma diferente, esclarecemos e concordamos com Isaia (2003, p. 267) ao compreender que a docência "vai além da sala de aula, envolvendo todas as atividades acadêmico-educativas desenvolvidas pelos professores, com vistas às ações formativas". Todavia, esse debate acaba sendo uma tentativa de trazer a baila uma tarefa que pouco tem merecido atenção tanto da IES, quanto dos planejadores da política educacional, a competência pedagógica do docente que atua no ensino superior, discussão que nos remete a algumas considerações acerca da formação para docência que apresentaremos na sessão seguinte. Ademais, como lembram Brito e Cunha (2008, p. 153), a docência vem sendo compreendida "como uma característica peculiar ao exercício do professor porque é nela que se encontra definida a ação de ensinar, é ela a norteadora da base de discussão sobre a formação e a identidade do professor.

Por ora, nos determos a uma breve discussão acerca dos desafios enfrentados pelos profissionais do ensino superior. Isaia (2006) aponta que as IES sofreram inúmeras transformações ao longo dos últimos anos, dentre as quais, destaca o fato que as universidades passaram a ser consideradas como um serviço que deve atender às demandas econômicas, um espaço que deve oferecer oportunidades continuamente para inúmeras pessoas, e, o fato destas instituições se tomarem uma forma das nações alcançarem o desenvolvimento econômico. Assim, as IES se encontram submetidas ao modelo neoliberal que induz a sociedade a assumir comportamentos que priorizam o aspecto econômico em detrimento de qualquer outro.

É nesse cenário que o professor universitário deve se estabelecer e, ao longo de sua caminhada, construir sua prática docente, considerando as seguintes dimensões, a pessoal (sua experiência de vida), a profissional (direção que ele estabeleceu para seu trabalho) e a institucional (as circunstâncias dos locais em que trabalha ou trabalhou). Considerando essas dimensões encaremos alguns desafios que os docentes do ensino superior enfrentam em sua profissão, conforme Isaia (2006) aponta em seu estudo. O primeiro desafio está relacionado com a dimensão pessoal que se configura no desafio de aprender ser docente, Como se dá o processo de ensinar o aluno a aprender de modo que a preparação das aulas pode vir a ser entendida como uma busca constante para a transformação de velhos conteúdos em assuntos interessantes

Portanto, requer do docente motivação e criatividade. Infelizmente, na maioria das vezes, o profissional não percebe que esta aprendizagem faz parte de sua formação e que ocorre, também, através do processo de interação e articulação com a comunidade acadêmica.

Nesse sentido, pode-se falar em aprendizagem compartilhada, no processo construído de ser professor do ensino superior, em que docentes e alunos constroem, por meio de uma aprendizagem colaborativa, conhecimento profissional compartilhado (Isaia, 2006 p. 77).

O autor defende a relevância de o docente considerar a aprendizagem compartilhada como parte integrante do processo de sua formação, que irá refletir numa ação conjunta, com seus pares e alunos, na elaboração do conhecimento de modo participativo. Outro desafio destacado diz respeito à dificuldade de se incorporar, na prática educacional dos docentes do ensino superior, uma didática que auxilie no processo de transformar o conhecimento científico em acadêmico, de maneira que possa ensiná-lo para públicos diferenciados, de forma significativa contribuindo para a aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo dos educandos. Isso se traduz na capacidade de atuar como um mediador, um facilitador da aquisição e elaboração e produção de novos conhecimentos, no meio universitário.

Por fim, Isaia (2006) da questão da valorização da profissão docente, no que diz respeito à determinação de seus direitos e deveres nos seus ambientes de trabalho. Há de se considerar que, a Lei de Bases da Educação em Angola Lei n° 32/20 no seu artigo 65° admitiu uma variedade de tipos de instituições de ensino superior: Universidades, academias, Institutos Superiores ou Escolas Superiores, abre prerrogativas para diferentes exigências expectativas de sua atuação profissional (docência, atividades de extensão e pesquisa, sendo a primeira a atividade comum a todas as IES, no entanto, nem por isso, a mais valorizada). Não se pode omitir que também contribuiu nessa questão o vínculo empregatício que o docente possui com a instituição, dentre outras questões. Todavia, são muitos os desafios a serem enfrentados pelos docentes do ensino superior, aliadas às avaliações internas e externas orquestradas pelo órgão avaliador, ainda assim, defendemos a possibilidade de que esse profissional exerça o exercício da docência com o compromisso de realizar seu trabalho de forma ética e consciente de sua participação na formação de seus alunos.

3.1 A PRÁTICA REFLEXIVA DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Cunha (2008, p.8), considera que a Universidade ocupa o lugar da formação quando o sujeito desse processo se beneficia e incorpora as experiências na sua biografia. Atribui sentido ao que viveu naquele lugar e passa a percebê-lo como o seu lugar. Em sua maioria, os professores universitários apesar de não possuírem uma formação pedagógica ensinam e alcançam seus objetivos em muitos momentos de sua atuação.

Nestes momentos os saberes oriundos de sua experiência somados aos saberes disciplinares são os responsáveis pelo sucesso obtido. Tardif (2000, p. 10), afirma que a definição de saberes tem sentido amplo e "engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (aptidões) e as atitudes".

Na sua compreensão os saberes ligados ao trabalho, são formados e apreendidos de forma progressiva e isto se dá em um período de aprendizagem variável e são temporais.

A dimensão temporal decorre do fato de que algumas situações de trabalho exigem do profissional, conhecimentos que só serão adquiridos e dominados quando estes se colocam diante das situações que se apresentam na execução de suas tarefas.

As situações de trabalho parecem irredutíveis do ponto de vista da racionalidade técnica do saber segundo a qual a prática profissional consiste numa resolução instrumental de problemas baseada na aplicação de teorias e técnicas científicas construídas em outros campos. Essas situações exigem, ao contrário, que os trabalhadores desenvolvam, progressivamente, saberes oriundos do próprio processo de trabalho e nele baseados. Ora, são exatamente esses saberes que exigem tempo, prática, experiência, hábito etc. (Tardif & Raymond, 2000 apud Schön 1983, p. 211).

Podemos afirmar que, os saberes docentes se originam de fontes diversas como experiências como aluno, história de vida, formação inicial e continuada, prática pedagógica e a convivência com os pares. Desta forma estes são plurais, heterogêneos, personalizados e situados no tempo e espaço. São ainda subjetivos porque incorporados pelo sujeito recebem sua marca. Partindo desta leitura, os estudos sobre saberes docente têm galgado espaços, chegando à literatura numa busca da identificação e valorização dos diferentes saberes inerentes a prática docente.

O professor como mobilizador de saberes profissional e sua prática tem desde a década de 1990 entrado na pauta de discussão em âmbito internacional. Uma das razões para este acontecimento é o movimento em busca da profissionalização do ensino e suas consequências para a questão da formação dos professores e sua busca por um repertório de conhecimentos com o objetivo de garantir a legitimidade da profissão, havendo a partir daí uma ampliação tanto quantitativa, quanto qualitativa desse campo (Tardif, 1999).

Corroborando Lortie (1975), em sua pesquisa apresenta e reforça como resultado de suas entrevistas, como espaço de aprendizado a experiência em sala de aula.

Os professores dizem que o seu principal professor tem sido a experiência; eles aprenderam a ensinar através de ensaios e erros na sala de aula. Aquilo que eles visualizam como processo de aquisição, são práticas testadas pessoalmente, não um refinamento ou aplicação de princípios de instrução geralmente válidos.

Eles insistem que as influências dos outros são escolhidas através de seus conceitos pessoais e são sujeitas a testes práticos. As conotações do termo socialização parecem um tanto tendenciosas quando aplicadas a este tipo de indução, visto que elas implicam numa maior receptividade para a cultura preexistente, que parece prevalecer. Os professores são, em grande parte, "formados por si mesmos"; a intemalização do conhecimento comum é apenas uma pequena parte de seu movimento em direção à responsabilidade do trabalho (Lortie, p. 80).

Historicamente temos vivenciado o fenômeno nomeado pelo autor, o discurso entre os docentes do ensino superior tem o mesmo teor na maioria das instituições de ensino. Eles têm na sua atividade profissional seu campo de aprendizado, reflexão e aperfeiçoamento.

No entanto, acreditamos ser importante e oportuna, que uma mudança na forma de se olhar essa prática aconteça e que um investimento em uma investigação sobre a mesma seja realizado, visando extrair

os saberes que são significativos para a formação do professor universitário, no que diz respeito ao eixo de sua profissão, ou seja, a arte de ensinar.

3.2 DESAFIOS DA DOCÊNCIA CONTEMPORÂNEA

No cenário da revolução das Tecnologias de Informação e Comunicação identificamos que novos desafios surgem no espaço-tempo "aula" onde e quando acontece integradamente a formação dos profissionais e a docência universitária. Assumimos concepção de "aula" como "espaço e tempo no qual e durante o qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para juntos, ora professor e alunos, ora alunos e alunos, ora alunos individualmente realizarem uma série de atividades (na verdade, interatividades) tendo em vista a formação profissional. Esse conceito de aula universitária faz com que ela transcenda seu espaço tradicional de acontecer só na universidade. Onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa buscando a formação profissional aí encontramos uma "aula universitária". Assim, tão importantes quanto a sala de aula onde se ministram aulas teóricas e os laboratórios onde se realizam as aulas práticas, são os demais locais em que, por exemplo, se realizam as atividades profissionais daquele estudante: empresas, fábricas, escolas, postos de saúde, hospitais, fóruns, escritórios de advocacia e de administração de empresas, casas de detenção, canteiro de obras, plantações, hortas, pomares, instituições públicas e particulares, laboratórios de informática, ambulatórios, bibliotecas, centros de informação, Internet e ambiente virtual, congressos, seminários, simpósios nacionais e internacionais, pois em todos eles se pode aprender significativamente o exercício competente e cidadão de uma profissão. (Masetto, 2010, pp.12-13).

Nesse espaço-tempo de aprendizagem e formação (aula) acontece a docência e neste século XXI com novos desafios na área do conhecimento, na área da aprendizagem e na área de formação profissional.

1. Como trabalhar com o conhecimento e a informação. Do que temos considerado até aqui, uma mudança radical que se aponta para as aulas do ensino superior está na forma como se trabalha com o conhecimento e as informações. O aluno precisa aprender a buscar informações, trazê-las para aula, trocá-las com seus colegas, discuti-las, criticá-las, compará-las com as informações do professor, organizá-las construindo seu conhecimento. Isto supõe que o professor ao invés de preparar uma aula expositiva, ele planeje uma sequência de atividades orientando os alunos sobre a temática que será abordada em aula, preparando -a com indicação de um texto básico a ser lido e estudado, destacando pontos principais do mesmo, ou respondendo a algumas perguntas, ou formulando perguntas sobre ele. Em aula, planejar técnicas de aprendizagem que incentivem a participação dos alunos, a utilização do material que trouxeram com dinâmicas de grupo para trocar informações. Complementar as informações trazidas pelos alunos com breve exposição, ou com um pequeno vídeo, ou fotos, ou textos da mídia jornalística, ou sites da internet utilizando os aparelhos eletrônicos dos próprios alunos, convidando-os a procurar material relativo ao tema que está sendo estudado.

Discutir com os alunos a validade das informações obtidas pela internet para aprenderem a selecioná-las. ° término dos debates e discussões deverá oportunizar a que os alunos possam, por exemplo, redigir um texto sobre o assunto estudado apresentando sua compreensão do tema, ou a resolução de um caso em pequenos grupos usando as teorias estudadas. Este processo pode levar um tempo maior que os cinquenta minutos de uma aula, mas poderá estar trabalhando um conteúdo mais amplo e abrangente e a aprendizagem sempre será significativa. O trabalho com a construção de um conhecimento multi ou interdisciplinar pode ser realizado com o apoio de textos de outras áreas que se relacionam com o tema estudado e que serão objeto de análise e discussão com os alunos sobre a contribuição dessas áreas para compreensão do tema ou resolução de um problema.

A realização de uma mesa redonda sobre um assunto com a participação de especialistas de áreas diferentes seria outro modo de se desenvolver o conhecimento interdisciplinar. Considere-se que estes especialistas poderão ser professores do corpo docente da Instituição. O aproveitamento por parte dos alunos da realização de uma mesa redonda supõe a preparação destes alunos com estudo e conhecimento prévio das perspectivas diferentes que serão abordadas e a preparação de questões que poderão ser apresentadas e debatidas com os especialistas. Para que os alunos se interessem pelos temas abordados em aula supõe que estes sejam atuais, diretamente relacionados com a prática profissional, significativos para o aluno que nele descobre algo marcante para sua vida pessoal, social ou profissional.

A descoberta da relevância do conteúdo exige por parte do professor planejar uma atividade no início da abordagem do tema que permita ao aluno fazer essa descoberta. Trazer para a aula uma situação profissional que envolva o assunto, pode ser um caminho. Melhor ainda será solicitar que os alunos tragam de seus trabalhos exemplos de situações que envolvem os assuntos. O conteúdo transformado em temas ou em problemas ou em casos integradores de vários tópicos fragmentados estudados por disciplinas diversas chama muito a atenção dos alunos e com maior facilidade os envolvem nas atividades para conhecê-lo e compreender sua aplicação na vida profissional. (Masetto, 2010)

Como desenvolver um processo de aprendizagem com os alunos? A aula no ensino superior na contemporaneidade não é mais um território privilegiado do professor e não está voltada apenas para se aprender " a matéria" ou o conteúdo de uma disciplina. A aula universitária é um território (espaço e tempo) do professor e do aluno onde juntos, em parceria e co- responsabilidade, desenvolvem um processo de aprendizagem. ° significado deste processo assume uma compreensão bem ampla e complexa como vimos: um processo de desenvolvimento de uma pessoa em sua totalidade, abarcando minimamente quatro grandes áreas: a do conhecimento, a do afetivo emocional, a de habilidades humanas e profissionais e a de atitudes ou valores.

A mudança radical apontada é que o professor compreenda e assuma tal concepção de aprendizagem, para que possa pensar como colaborar com seu aluno para desenvolvê-la. O professor se vê diante de um grande desafio: mudar sua concepção a respeito do que deverá fazer em aula (não só ensinar,

mas ajudar o aluno a aprender) e, mais difícil, como fazer isso na prática? A transformação na organização do planejamento de sua disciplina pode ser um caminho. Em lugar de planejar aula por aula, conforme os itens de seu programa, poderá fazer um planejamento por unidades de aprendizagem. ° que vem a ser isto? Entende-se por "unidade de aprendizagem" um tempo com duração de duas, ou três semanas que permita ao aluno desenvolver o conhecimento trabalhando com temáticas que integrem vários aspectos da disciplina e abram possibilidades para o contato com aspectos de outras áreas do conhecimento; desenvolver habilidades de trabalho em equipe, resolver problemas aplicando as teorias estudadas ou mesmo fazendo alguma visita técnica, aprender a tomar decisões com responsabilidade social aprendendo a ser um profissional competente e cidadão.

Uma disciplina planejada por unidades de aprendizagem permite que o aluno desenvolva de modo dinâmico e vivo sua formação profissional dentro de uma compreensão de um processo de aprendizagem que se desenrola nas aulas. Um tempo maior que uma ou duas aulas para uma unidade de aprendizagem permitirá trabalhar com temáticas mais amplas e complexas que favorecem o estudo de vários textos, a pesquisa sobre o assunto, o debate sobre as idéias, a integração do conhecimento e o uso de técnicas que favoreçam esses estudos, desenvolvam habilidades, atitudes próprias de profissionais, sem contar com a possibilidade de realizar atividades em ambientes profissionais como por exemplo, práticas em ambientes de saúde, em escritórios modelos, em Empresas Juniores, em escolas, ambulatórios, hospitais com simulações, visitas técnicas em obras e campos de agronomia, etc.

Cada unidade deverá explicitar os objetivos que deverão ser alcançados naquele tempo, o conteúdo que será trabalhado e a bibliografia que será usada, as atividades que serão realizadas, os recursos pedagógicos (técnicas) previstos e a avaliação (técnicas e critérios) bem definida. O planejamento de um semestre letivo com quatro ou cinco unidades de aprendizagem permitiriam aulas mais vivas, mais dinâmicas e com participação dos alunos que estariam construindo sua formação profissional, usando inclusive metodologias ativas e um processo de avaliação contínuo. Aos professores permitiria assumir a docência voltada para o processo de aprendizagem como base para a formação profissional condizente com o século XXI.

Como o professor pode construir sua docência em equipe com seus pares?

A proposta de planejar a disciplina por unidades de aprendizagem aponta um encaminhamento para este novo desafio que afeta os docentes no ensino superior: aprender a ensinar por meio de maneiras pelas quais não foram ensinados, e aprender a trabalhar em equipes com seus colegas. O planejamento de disciplinas por unidade de aprendizagem poderá ser realizado com menos dificuldades e mais eficácia quando elaborado por equipes de professores, que por exemplo, atuem juntos num mesmo semestre com as mesmas turmas.

Analisando os programas de suas disciplinas poderão encontrar temas, assuntos abrangentes e complexos que possam ser aprendidos integradamente, aproximando informações, discussão de práticas ,

discutindo casos que envolvem as várias áreas, realizando debates entre os professores e com seus alunos, trabalhos e/ou monografias produzidas com a apoio das diferentes disciplinas, mas de uma forma integrada, que permita a todos os professores corrigirem o mesmo trabalho, sem que se multipliquem os trabalhos para os alunos fazerem e os professores corrigirem.

Fazer este planejamento no início do semestre, por exemplo, em equipe ajudará o docente a aprender fazê-lo em menor tempo e com mais facilidade. Permitirá ainda que se supere o tradicional isolacionismo da docência no ensino superior. Dois aspectos que revolucionam a cultura dos professores: abrir mão de fazer a sua docência à imagem de como faziam seus mestres na faculdade para descobrir novos métodos, novas técnicas e nova postura docente; e sair de uma posição de isolacionismo em sua docência, em sua aula para dar as mãos aos colegas e com eles aprender a realizar a docência de forma diferente, desde o planejamento das disciplinas, agora voltado para uma integração entre elas. A equipe de docentes permitirá a troca de idéias, de sugestões, para que se façam as inovações necessárias, dará apoio nas implantações dessas sugestões, ajudará nas revisões, em acertar o que por ventura não tenha dado certo, superando as dificuldades.

Revolução cultural, um desafio, porque os docentes do ensino superior não tiveram nem experiências e nem formação para trabalharem em equipe, conversarem sobre seus alunos, sobre seus planos de aula, sobre seus sucessos como docentes e seus fracassos quando a aula não aconteceu como se previa. E cada professor sempre foi (ou, ainda é) o responsável único pelo cumprimento do programa de sua disciplina, num currículo organizado com disciplinas justapostas e estanques. Essa revolução cultural o século XXI espera dos docentes universitários.

Como realizar uma docência voltada para a formação profissional na contemporaneidade?

Todos os professores ao assumirem uma disciplina no ensino superior têm clareza que ele se destina a formar profissionais e estão satisfeitos com o modelo dessa formação: aulas teóricas com muito peso e valor, a parte prática em laboratórios (quando é possível), cumprimento de uma carga horária de estágio controlada. Atrás comentamos que no século XXI as profissões tradicionais estão em crise procurando identificar os novos perfis de seus profissionais; surgem profissões diferenciadas como resultado do acoplamento ou integração de duas ou mais áreas de conhecimento e outras profissões ainda emergem de novas áreas de conhecimento e do avanço da ciência e da tecnologia. Não nos parece que o modelo como o ensino superior vem desenvolvendo a formação de seus profissionais esteja atendendo a este novo cenário.

Os desafios são outros e a ação docente precisa ser outra. Os desafios apontam para uma formação profissional que se construa a partir de ambientes profissionais reais ou simulados que permitam conhecer essas novas modalidades profissionais em suas realidades, integrando essas experiências com as informações e teorias que podem explicar os fenômenos ou mesmo fundamentar o modo de realizar essas profissões. A presença e a prática nesses ambientes profissionais não são um luxo, ou apenas possível de acontecer quando houver recursos e ao final do curso.

Tão importante quanto as aulas teóricas é a aprendizagem no "chão de fábrica", nos ambientes profissionais. Os desafios se voltam para que todo o curso, desde o início, propicie oportunidades reais ou simuladas de aprendizagem em locais de trabalho, num processo de complexidade gradual, com supervisão e orientação e avaliação contínua. Planejem-se visitas técnicas, estudos de vídeos, exploração de ambiente virtual; organiza-se a participação em projetos comunitários no bairro, em projetos multidisciplinares de organismos públicos ou particulares .

Alunos trazem suas experiências profissionais para a sala de aula, valorizando a criação de equipes multiprofissionais nas aulas para resolver problemas, ou criar dramatizações com desempenho de papéis. (Masetto, 2010) neste contexto não poderíamos deixar de refletir sobre uma situação de formação profissional que é excelente, presente em todos os cursos, inclusive por legislação, mas, infelizmente, completamente desperdiçada: trata-se do estágio. Dispensamo-nos de descrevê-lo como acontece nos diversos cursos de graduação, pois todos conhecem seu funcionamento e suas deficiências. Preferimos chamar a atenção para um plano de estágio que pode mudá-lo radicalmente, transformando-o na maior oportunidade de formação profissional. Vamos refletir num exemplo concreto, pois, isto nos facilitará a análise.

Estágio em educação. Quem são os protagonistas de um estágio em educação? Estamos acostumados a ver de imediato apenas os formandos em Pedagogia e Licenciatura como os Didática e Prática de Ensino: diálogos sobre a Escola, a Formação de Professores e a Sociedade Endurece - Livro 4 00790 interessados em cumprir um conjunto de horas de estágio para atender ao histórico escolar. No entanto, são protagonistas todos aqueles que podem se beneficiar de um estágio educacionalmente planejado e realizado. Assim, em primeiro lugar, a própria IES responsável pelos cursos de pedagogia e licenciatura se apresenta como um primeiro protagonista.

A ela interessa integrar-se à escola como colaboradora na formação de pedagogos e licenciandos e como campo de trabalho que pode oferecer informações para atualização de currículos mais ajustados às necessidades educacionais. Aos cursos de pedagogia e licenciatura interessa um estágio que colabore decididamente na formação de profissionais que respondam às necessidades atuais da escola, e possam aprender juntamente com os professores que se encontram na ativa. O corpo docente dos cursos ministrado se beneficiará altamente pelo contato com a realidade escolar visando a adaptação de suas disciplinas e aulas às necessidades atuais. Os formandos em educação têm uma expectativa de poderem aprender e muito a serem professores através de atuação concreta em ambientes escolares e extraescolares, onde sintam a realidade das escolas no contato com os alunos, com os professores, com a direção e com os pais dos alunos e como colocar em prática o que aprendem teoricamente em suas aulas na faculdade.

Esperam também que os problemas encontrados na atuação direta como professor possam encontrar pistas de resolução nas disciplinas estudadas e nos debates com os professores. Um dos protagonistas do

estágio são os professores da escola de quem depende o sucesso no processo de integração do pedagogo ou licenciando na escola, em suas aulas, nas demais atividades escolares.

Dele depende que o entrosamento com o estagiário propicie uma colaboração para seu trabalho em aula, para a aprendizagem dos alunos. Mas, há outro aspecto que pode interessar e muito ao professor da escola e que nem sempre é percebido: o estágio pode se tornar uma excelente oportunidade de formação continuada ao professor da escola pelo contato informal ou formal com os professores e cursos oferecidos pela IES.

A Escola se coloca também como um protagonista a quem muito interessa o estágio, uma vez que com estagiários ela poderá contar com um número maior de profissionais para atenderem os alunos, ajudá-los em seu processo de aprendizagem, colaborar com os professores na realização das atividades planejadas, no acompanhamento de grupos de alunos, no contato com os pais. E além disso, poderão contar com um processo de formação continuada de seus professores. Para que tal modalidade de estágio aconteça, há que sair da inércia de como fazemos nossos estágios de modo geral e planejar e implementar o estágio com a participação e compartilhamento de todos os protagonistas.

Novo desafio: como construir uma equipe para construir um projeto de estágio, como envolver todos que se interessam pelo estágio em seu planejamento? Como compartilhar responsabilidades com todos?

No contexto atual, como a iniciativa de propor o estágio cabe à IES e a seus Cursos de Pedagogia e Licenciatura, entendemos que o start deva ser destas instituições com um convite a Diretores e alguns Professores de Escolas que participarão do projeto para juntos discutirem uma proposta nova de estágio que realmente beneficie a todos, e por consequência à toda sociedade. Em seguida, com a concordância de todos passa-se ao planejamento do estágio, incluindo-se o acompanhamento e avaliação dele em todos os seus níveis, e em todos os seus objetivos. Um estágio assim concebido é colocado como eixo de um currículo de formação profissional que se realiza fundamentalmente em ambientes profissionais integrados à Universidade. Um projeto como este não é utopia. Ele existe há mais de 10 anos em cursos de engenharia. (Pacheco & Masetto, 2007)

Que atitude fundamental se exige do Professor para responder a estes desafios da docência? Até aqui procuramos chamar atenção para alguns desafios que entendemos serem os mais importantes para a docência no Ensino Superior na contemporaneidade. Para concluir nossa reflexão nos perguntamos:

Que atitude fundamental se exige do Professor para responder a estes desafios?

Sem dúvida nenhuma a nova postura do Professor será a de um Professor Parceiro na construção da aprendizagem e da formação profissional. Um professor Parceiro que muda sua atitude de um especialista que ensina para um profissional que planeja a aprendizagem de seus alunos, que incentiva e motiva o aprendiz, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte viva, dinâmica, flexível entre o aprendiz e sua aprendizagem, entre o aprendiz e sua formação profissional. Um professor Mediador: que ativamente colabora para que o aprendiz chegue aos seus objetivos de formação profissional. que garante a dinâmica

do processo de aprendizagem, que propõe situações-problemas e desafios para serem resolvidos, que manifesta disponibilidade para ajudar os alunos a superarem suas dificuldades, que coloca o aprendiz frente a frente com questões éticas, sociais, profissionais. Um professor que interage de forma adulta com os alunos com uma atitude de parceria e coresponsabilidade pelo processo de aprendizagem.

A atitude de parceria e coresponsabilidade se inicia com um pacto entre alunos e professor para juntos buscarem e construir sua formação profissional. Concretiza-se no planejamento da disciplina no início do semestre, discutindo-se:

- a) os objetivos de formação a serem aprendidos;
- b) a relevância dos assuntos a serem estudados e sua aplicação às atividades profissionais;

c) métodos ativos que incentivam e dão apoio aos processos de aprender individual e coletivo, que provocam e incentivam a participação, que permitem ação e trabalho nos espaços de aprendizagem; d) o processo de avaliação como feed back contínuo com orientação e diálogo para que os erros possam ser corrigidos imediatamente e as aprendizagens se potencializem, uma avaliação que incentive o aluno a aprender e lhe dê consciência de seu desenvolvimento em direção 'sua formação profissional. Atitude de parceria e coresponsabilidade na execução do programa de trabalho combinado e na avaliação do mesmo programa, bem como do desempenho do professor.

3.3 O APRENDER A ENSINAR

O aprender a ensinar Masetto (2005, p.80), em seu resumo, ressalta que "não podemos nos esquecer de que por trás do modo de ensinar existe um paradigma que precisa ser explicitado, analisado, discutido, a fim de que a partir dele possamos pensar em fazer alterações significativas em nossas aulas"

Para o autor, são dois os possíveis paradigmas que transitam pela docência: o do ensino e o da aprendizagem. A prática tem demonstrado, salvo algumas exceções, em uma visão pedagógica reformulada, que o professor funciona como sujeito de todo o processo de ensino e aprendizagem.

Ele é o transmissor do conhecimento, o instrutor e o centro. O aluno aqui apenas recebe, assimila, reproduz e na avaliação devolve ao professor o que foi transmitido. A ênfase neste processo está no ensino, o aluno é desconsiderado enquanto possuidor de conhecimentos prévios e considerado o objeto passivo no processo.

Masetto (2005) traz a proposta de substituição "da ênfase no ensino pela "ênfase na aprendizagem". O autor entende que ao tratar a aprendizagem na docência universitária, precisamos enxergar o aluno como uma pessoa em desenvolvimento. Nesta visão, a aula se torna um espaço em que os aprendizes têm suas capacidades intelectuais (raciocinar, refletir, argumentar) consideradas e terão a oportunidade de desenvolvê-las.

Os alunos chegam à sala de aula trazendo habilidades humanas e profissionais como aprender a pesquisar, trabalhar em equipe, expressar-se profissionalmente etc., que precisam ser trabalhadas, estimuladas, desenvolvidas.

A ênfase na aprendizagem fundamenta-se no entendimento de que todo o conhecimento que percorre o processo formativo precisa ser significativo para o aprendiz.

A educação superior tem como tarefa neste contexto, promover uma ação educativa que desenvolva em seus alunos a capacidade de ter um olhar reflexivo da realidade que envolve o desenvolvimento de seu trabalho.

A complexidade do mundo de hoje requer profissionais capazes de promover soluções diante das diversidades que se apresentam cotidianamente. Pimenta & Anastasiou (2008, p.173), destacam que:

A universidade não deve simplesmente adequar-se às oscilações do mercado, mas aprender a olhar em seu entorno, a compreender e assimilar os fenômenos, a produzir respostas às mudanças sociais, a preparar globalmente os estudantes para as complexidades que se avizinham, a situar-se como instituição líder, produtora de ideias, culturas, artes e técnicas renovadas que se comprometam com a humanidade, com o processo de humanização.

Os profissionais precisam da habilidade de aprender a aprender para o desenvolvimento de sua profissão, pois quem não busca o aprendizado, não tem o que ensinar. O professor precisa pesquisar, (re) construir novos conhecimentos para depois ensinar o aluno a fazer o mesmo.

Segundo Demo (2004, pp. 72-73), essas habilidades são essenciais para que, o professor possa contribuir na formação de sujeitos capazes de ser agentes de sua história, reforçando a habilidade de reconstruir conhecimento autonomamente.

O desafio e o papel do educador enquanto formador desta nova sociedade que se reconstrói a todo instante, requer o preparo para uma prática reflexiva e autônoma onde o mesmo possa assumir o papel de transformador intelectual.

São diversas as situações de conflito que o professor terá que enfrentar e superar, sua capacidade em transpor os obstáculos dependerá de sua competência de autodesenvolvimento reflexivo.

Quando reconhecemos, consideramos e tomamos como ponto de partida os conhecimentos oriundos da prática dos professores observamos um amplo espaço para a pesquisa da prática docente com foco na reflexão, dando sustentação para a busca de respostas que possam responder as novas situações que tem se apresentado no fazer educação. Um dos conceitos que surgem desta constatação é o do professor pesquisador.

A centralidade colocada nos professores traduziu-se na valorização do seu pensar, do seu sentir, de suas crenças e seus valores como aspectos importantes para que se compreende o seu fazer, não apenas de sala de aula, pois os professores não se limitam a executar currículos, senão que também os elaboram, os

definem, os reinterpretam. Assim, ao pesquisarmos as origens e fundamentação dos conceitos da formação docente e da prática reflexiva constatamos a importância e a prioridade de se realizar estudos que visem compreender o exercício da docência universitária e os processos de construção de sua identidade e profissionalização. (Pimenta,2005, p.36)

3.4 O CONHECIMENTO

Ao se falar do papel do professor universitário na construção do conhecimento, deve-se começar entendendo o que é conhecimento, uma vez que o mesmo possui inúmeras definições. Alguns dicionários defmem a palavra conhecimento como " a capacidade adquirida por alguém, de interpretar e operar sobre um conjunto de informações"; "memorização de fatos específicos, de padrões de procedimentos e de conceitos"; "processo de percepção, decodificação, compressão e incorporação de algumas informações, que se tomam significativas para mim e se incorporam ao contexto e ao repertório que já possuía até agora e o transtorna em algum aspecto".

No entanto, este artigo compreende conhecimento, de acordo com a definição de Aldanondo (2006, p.1):

[...] como aquilo que nos permite tomar decisões e, por isso, atuar. Se nos permite actuar, então adquire-se com o fazer, com a prática, e demonstra-se através deações, e não falando sobre ele. Avalia-se o conhecimento de uma pessoa a partir do seu desempenho e não sobre o que disse saber.

Nessa concepção, o conhecimento vai além da memorização de fatos específicos devendo ser direcionado a apropriação intelectual de determinando capoe empírico a fim de dominá-los e utilizá-los.

Nonaka e Takeuchi (1997) já afirmavam que a criação do conhecimento se refere a um processo reflexivo que envolve o pensamento racional e o empírico, a mente e o corpo, a análise e a experiência, o implícito e o explícito.

Nesse sentido o conhecimento se dá a partir da evolução conjunta da prática e da teoria, sendo que o ponto de partida do conhecimento se dá no próprio aluno.

De acordo com Pecoche (2000) o conhecimento acontece de maneira natural e gradativa, ou seja: [...] em geral, quem começa a aprender o faz sem saber porquê; pensa que é por necessidade, por uma exigência de seu temperamento, por um desejo ou por muitas outras coisas, às quais costuma atribuir esse porquê. Mas quando já começa a se vincular àquilo que aprende, vai despertando nele o interesse e, ao mesmo tempo, reanima-se as fibras adormecidas da alma, que começa a buscar chamando ao estudo, os estímulos que irão criar a capacidade de aprender. (Pecoche, 2000, p. 259)

Apesar dos variados tipos de conhecimentos existentes e dirigidos a uma área específica, pode-se observar que o conhecimento não nasce do vazio e sim das experiências que se acumula do cotidiano, através de experiências, dos relacionamentos interpessoais, das leituras e livros e artigos diversos

(Intergração. 2008). do buscar saber. de aplicar o que se, de irmos prende na direção da construção do mesmo, através do processo de aprendizagem.

3.5 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Muitos teriam sido sábios se não tivessem acreditado de masiado cedo em que já o eram (Sêneca) Para construir o conhecimento é preciso aprender, isto é, há que acumular experiência reutilizável no futuro, e para isso é necessário tempo, motivação e, sobretudo, muita prática.

Quando falamos de conhecimento, não se trata de saber, mas de fazer.

De acordo com Vasconcellos (1993), a escola, desde o princípio do ensino básico, nos convence que aprender consiste em ouvir e repetir em vez de praticar, e a universidade deu continuidade a este pensamento.

Porém, deve-se acreditar que a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham idéias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios rompem com o velho, buscam o novo, enfim, que há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram intemalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam se rompidos para dar lugar a novos saberes.

O aluno precisa se apropriar das informações que circulam nos meios sociais e culturais para transformá-las em conhecimento, para que ele se possa articulado com suas ações, seus objetivos, seus sonhos, onde a educação é a aquisição da arte da utilização do conhecimento.

No contexto de construção do conhecimento há o que se chama "o princípio da dúvida", que segundo Caravantes (2008), visa colocar em dúvida aquilo que lhes é aoesentado como a verdade última, onde a educação é a aquisição da arte da utilização do conhecimento.

Outro ponto a ser ponderado na construção do conhecimento como nos mostra Pacotche (2000) é que as pessoas não são iguais, elas pensam e agem de amneiras únicas, peculiares, o que mostra que um processo educacional é eficaz quando se conscientiza de tais diferenças dentro do mesmo.

O conhecimento pode ser entendido como o saber que a pessoa acumulou ao longo de sua vida, que relaciona a lembrança de conceitos e idéias, corresponde a informações que ao serem reconhecidas e integradas pelo indivíduo em sua memória, causam impacto sob seu julgamento ou comportamento.

Nesse sentido, o conhecimento é visto como fonte de inovação e vantagem competitiva, pois ele se relaciona ao uso inteligente da informação. Isso ocorre através da habilidade, ou seja, da capacidade de pessoa de instaurar conhecimentos armazenados em sua memória e utilizá-los em uma ação, (Brandão & Andrade, 2017).

É isso que se espwra de aluno ao sair da universidade, que ele possa aplicar os conhecimentos adquiridos durante os anos de studo, na prática diária em seu ambiente de trabalho. Do contrário, a construção do conhecimento deixa de ter fundamentos para existir.

3.6 PEDAGOGIA REVOLUCIONÁRIA

o autor e educador Paulo Freire (1921-1997) possuía a concepção de que a educação é um momento do processo de humanização, de conhecimento e de criação onde a educação implica no ato do conhecimento entre sujeitos conhecedores. Para ele conscientização é ao mesmo tempo possibilidade lógica e um processo histórico ligando teorias com prática numa unidade indissolúvel.

A pedagogia revolucionária de Paulo Freire enriquece este trabalho uma vez que aponta realmente a importância do papel do (professor) na construção do conhecimento.

Tal pedagogia, conhecida e comentada no meio acadêmico e pedagógico, compreende que a aprendizagem é a conscientização crítica. Freire cita o "conceito bancário" da educação, presente nos dias de hoje, uma aprendizagem reduzida a simples transferência de dados esparsos, do professor para o aluno, sem contribuir de maneira significativa para o enriquecimento de vida de cada um, refletindo numa educação problematizante, que não permite desenvolver a percepção crítica de um mundo que não é estático, mas que passa por constante transformação, conforme nos aponta Caravantes (2008).

Em termos educacionais a pedagogia revolucionária de Freire se baseia na concepção de professores e alunos ensinarem e aprenderem juntos, partindo-se do princípio que educação é um ato de saber. Portanto, a pedagogia revolucionária está diretamente relacionada ao ato de estudar e assim, construir o conhecimento, mostrando a importância do papel do professor nesse processo.

3.7 O ESTUDO

Estudar é aplicar a inteligência para aprender visando à construção de conhecimentos. Estudo como atividade educativa é uma forma privilegiada de aprendizagem (Unifesp, 2009).

A vida do ser humano é um eterno aprendizado: "[...] nas primeiras sensações do nascimento, nos primeiros contatos com o mundo, no aprender lúdico da primeira infância, até chegar à escola formal com seu ensino sistemático" (Oliveira et al, 2009).

Em todos os momentos da vida o ser humano se encontra e se envolve com informações em grande quantidade que serão, ou o deveriam ser, assimiladas nos primeiros anos com atividades concretas e posteriormente com abstrações mais complexas.

De acordo com Freire (1979), estudar é realmente um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica sistemática, além da disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.

Freire (1979) também nos mostra que a atitude crítica no estudo é a mesma que deve ser tomada diante do mundo, da realidade, da existência. Uma atitude de adentramento com a qual se vai alcançando a razão de ser dos fatos cada vez mais lucidamente.

Diante do ponto de vista do autor, pode-se dizer que em sala de aula leva mais vantagem aquele aluno motivado, pontual, concentrado, a uma participação produtiva, que significa intervir, pedir esclarecimentos, expor opiniões.

De acordo com Vasconcellos (1993), o ato de estudar exige uma atitude séria e ao mesmo tempo de curiosidade na procura da compreensão das coisas e dos fatos que observamos, estando relacionado também com nossa capacidade de interpretação, que é decorrente da nossa percepção de mundo.

Garcia (2006) reforça esse pensamento ao fazer uma definição de percepção de mundo, ou visão de mundo, a qual é compreendida como a [...] capacidade das pessoas de verem e perceberem o mundo real em que estão inseridas, uma vez que cada ser humano vive imerso em uma concepção de mundo, que se funda em sua própria vivência e existência pessoal, [...] a realidade do ser humano é filtrada por suas crenças, valores, atitude, comportamento, humor e intuições. (Garcia, 2006, p.32)

Assim temos que a visão de mundo de cada uma pessoa constantemente por um processo de transformação de acordo com o ambiente em que se está inserido, ou de acordo com o momento que está vivenciando.

Nesse sentido, conforme Pacotche (2002) por todas as eras que a humanidade atracessou, o prestígio maior dos povos civilizados foi o desenvolvimento da capacidade de estudo, capacidade tal que é mais ampla quanto mais oportunidades são oferecidas à inteligência para sua livre manifestação.

Percebe-se que a arte de ensinar relaciona-se com vontade de aprender, ou seja, a busca pelo conhecimento deve ser constante em nossas vidas. Não somente o conhecimento de uma área específica, sua área de atuação no trabalho, por exemplo, mas o conhecimento geral, sobre todas as coisas.

Deve-se aprender a absorver conhecimentos, aplicá-los na própria rotina e compreender o saber o saber, compreender tal conhecimento usando-o como ferramenta para se aperfeiçoar, indo sempre além, buscando sempre mais. A real sede do saber não se sacia facilmente. Nem deve quando se fala em aprender, primeiramente vem à mente a escola, que é considerado o lugar principal de ensino e do aprendizado. Porém, não se pode, simplesmente, se cansar de aprender, ou achar que se sabe o suficiente, como nos lembra Sócrates e sua técnica maiêutica.

3.8 O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

É comum entre os professores o entendimento de que a instituição escolar é a mediadora entre a realidade social e a vida de seus alunos. Esta mediação precisa ser reflexiva e fazer a ponte entre a aprendizagem dos alunos e a diversidade de informações que envolve o contexto em que estão inseridos.

Pimenta e Anastasiou (2010, p.79) ressaltam que na construção da identidade docente o significado social que os professores atribuem à educação escolar e a si mesmos é muito importante durante todo o processo da construção.

Quanto ao significado que atribuem a si mesmo, este provem das diversas experiências vivenciadas como aluno e de exemplos deixados por professores que passaram por sua vida.

Alguns destes deixam marcas que acabam por gerar angústias em relação ao exercício da profissão.

A história, a memória e a identidade se inter-relacionam e constituem elementos do processo de construção.

A memória constitui a identidade à medida que reforça por meio de lembranças a unidade e continuidade do si mesmo ou o sentimento de pertença a um grupo; ao mesmo tempo, ela é constituída pela identidade, uma vez que o processo de identificação agirá na seleção e configuração dos episódios a serem lembrados, reordenando-os em uma nova história. (Rêses, 2008. p.13)

Comumente os professores do ensino superior, migram de outras profissões. A sua identificação como professor neste caso, fica em segundo plano. Eles não se reconhecem como docentes são filósofos, advogados, etc. O título de professor só

aparece quando ligado ao universitário e não tem sentido sem este adjetivo.

Esta visão do não profissionalismo da docência sugere "uma identidade menor" ao título de professor e nos remete a dificuldade que enfrenta o profissional do ensino superior, tanto na compreensão do que significa ser professor quanto nas condições concretas do seu exercício profissional (Pimenta & Anastasiou, 2010, p. 35).

Diante desta constatação, toma-se imprescindível a busca pela compreensão da identidade do professor universitário: uma vocação, um trabalho complementar ou uma profissão?

Historicamente a profissão de docente era considerada com uma vocação, um dom pessoal e que deve ser exercido de forma natural e sem preocupação com salários.

A construção da identidade do professor exige um amplo conhecimento e análise dos saberes e da prática que permeiam suas atividades e vivências.

Para as autoras citadas (2010, p.79), a identidade profissional do docente é construída com base em vários referenciais: significação social da profissão, revisão destes significados e das tradições e no estabelecimento de práticas consagradas culturalmente.

A identidade é algo que se constrói, o seu conceito é elaborado partindo da análise de diversos campos do saber.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas relações com as relações de poder (Silva, 2000, p.96).

Esta identidade se firma nas relações que existem entre a teoria e a prática, na análise e a construção de novas teorias.

Ela constitui um processo de conhecimento que interliga quatro grupos de saberes, são eles: conteúdo específico, didático-pedagógico; conteúdo relacionado aos saberes pedagógico e à explicitação do sentido da existência humana.

Nóvoa (1992, p.25) afirma que a identidade do professor universitário deve ser construída partindo-se do conhecimento das realidades do ensino, de suas representações e saberes.

É o uso da reflexão sobre as práticas de ensino para a realização de uma leitura dos fenômenos como: o caráter sagrado da aula, o isolamento do professor em suas práticas, a sua autonomia e a dependência da opinião dos especialistas externos a escola.

Cada professor constrói maneiras de ser e de ensinar, cruzando sua maneira de ser e de trabalhar.

A especificidade do seu trabalho está ligada a um conhecimento polivalente e dinâmico, construído e reconstruído durante seu percurso profissional.

Para Libâneo (2001, p.20), a identidade profissional pode ser definida como o resultado da reunião de conhecimentos, atitudes, valores e habilidades que são inerentes às atividades do professor. O professor vai adquirindo novas habilidades à medida que surgem as exigências educacionais de seu tempo.

Em diferentes contextos sociais e em determinados momentos da história surgem a necessidade de formas de ser da profissão diferenciada.

A tarefa da educação é inserir o aluno nas mudanças e avanços que a sociedade galga de forma cada vez mais acelerada, é desenvolver a habilidade de reflexão, compreensão, análise para que possam responder as problemáticas que circundam o mundo em que vivem. Segundo Pimenta e Anastaslou (2010, p.97) é neste momento que: o dilema da educação desponta, pois

É nessa contradição que se inserem as demandas por educação, fenômeno e prática complexos, porque historicamente situados. Dela se solicita que forme seres humanos capazes de criar e oferecer respostas aos desafios que diferentes contextos políticos e sociais produzem. A educação, enquanto reflexo, retrata e reproduz a sociedade; mas também projeta a sociedade que se quer.

3.9 A INFLUÊNCIA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Na sociedade em que vivemos, o conhecimento é considerado um dos principais valores de seus cidadãos. O nível de formação de seus cidadãos, sua capacidade de empreender e criar estão diretamente ligados ao valor de uma sociedade.

A informação se renova cada instante, a atualização passou a ser quesito obrigatório para que os cidadãos e profissionais tenham suas competências atualizadas. A sociedade da informação exige que estejamos em uma permanente atividade de formação e aprendizagem.

As novas tecnologias da informação e da comunicação tem indiretamente desafiado a identidade do professor, pois ao mesmo tempo em que favorece a difusão do conhecimento dispensa a presença do professor em algumas situações.

O que essas mudanças podem trazer para os docentes e sua identidade como profissionais?

A informação hoje é disseminada com muita facilidade e de forma dinâmica. Mas a informação por si só não é conhecimento.

Conhecer significa analisar, organizar, conhecer o contexto e as ideologias que permeiam a informação. O trabalho de auxiliar o aluno a conhecer, refletir, ser e fazer é tarefa do professor e o aluno dificilmente conseguirá fazê-lo sem ajuda. Esta é uma das características da identidade do professor universitário de hoje.

Temos constatado ao longo deste trabalho que a formação do professor universitário como também o seu trabalho, tem sido insuficientes diante dos modelos do conhecimento científico dominante.

A ação de pesquisar o ensinar tem sido um desafio grande na construção da identidade do docente como profissional e da mesma forma a revisão tão necessária das ações do seu fazer pedagógico.

Para Hargreaves (1997, p.19), a sociedade da informação avança aceleradamente através da intensificação do uso das novas tecnologias, proporcionando um cenário caracterizado por uma "progressiva desprofissionalização: uma sociedade de aprendizagem onde todo mundo ensina e aprende e ninguém é um especialista".

Temos o desafio de buscar pelo desenvolvimento de ações que possibilitem a colocação da profissão docente como uma "profissão do conhecimento", que esteja comprometida com o direito de aprender dos alunos.

3.10 A RELAÇÃO PROFESSOR -ALUNO

"A experiência que envolve ensinar e aprender integra dois sujeitos que assumem simultaneamente os papéis de professor e aluno, sendo assim, por excelência, rica e desafiante" (Almeida 2007).

A aprendizagem, como nos apresenta Cerqueira (2006), é um fenômeno complexo que engloba aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais, sendo a mesma resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

O interesse do aluno torna-se indispensável para o mesmo tenha motivos de ação no sentido de apropriar-se do conhecimento, uma vez que o processo de construção do conhecimento dá-se extrinsecamente, na convivência com as diversidades.

A ação educativa da universidade para com o aluno deve incluir desde os conteúdos curriculares específicos, como suporte e complementação ao trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, ao atendimento dos currículos regulares, de modo a atingir os objetos traçados, sempre voltado ao despertar de interesses, necessidades e desejos de se apropriar do saber e do saber fazer.

Entretanto, na realidade observa-se que parte dos alunos tem o costume de escutar passivamente o que o professor tem a dizer nas salas de aulas, sem ter a mínima preocupação em questionar ou debater estas informações.

A concentração, segundo Silva (1995), pode ser apontada como um dos principais problemas do aluno, cujos motivos desta falta de concentração podem ser originados tanto por fatores externos, ou seja, barulho em sala de aula, falta de ambiente apropriado para estudo, telefonemas (apesar de ser proibido, é certo que ocorre atender celular durante aulas), conversas paralelas, barulhos nos corredores e ambientes externos às salas de aulas, como também por fatores internos preocupações e problemas pessoais e emocionais.

É neste quadro que a presença do professor se faz necessário, até mesmo para influenciar positivamente o aluno a estudar, a ter vontade de aprender e a ver a universidade como algo a mais que uma instituição que fabrica diplomas, mas como uma escola de vida, aonde o aprendizado irá além da sala de aula, além do necessário técnico para capacitação profissional.

3.11 O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO EM SALA DE AULA

Como nos aponta Vasconcellos (2003), o papel e a situação do professor já não é, há muito tempo, a mesma do passado.

Parece-se, ao voltar ao passado, em nosso tempo de escola, que o professor detinha "todo" conhecimento e depositava nos seus alunos aquilo que havia estudado. Porém, esse estudo era normalmente lido e repassado para eles sem reflexão ou visão crítica dos conteúdos.

Hoje, felizmente, o professor pode e deve ensinar seus alunos a pensar, questionar e a aprender a ler a realidade, para que eles possam construir opiniões próprias.

Como nos mostra Tardif (2005), o professor deve assumir uma posição inovadora, deixando ser mero ministrador de aulas. Mas essa passa a exigir do mesmo, constante atualização, tanto no que se refere a sua disciplina, como também, sobre os problemas enfrentados em sala de aula - indisciplina método de avaliação, dentre outros, assim contribuindo com o entendimento a cerca da realidade, tanto do aluno como do papel do professor, e também na promoção de uma emancipação intelectual e política de ambos.

Cerqueira (2006, p.34) nos mostra que "o espaço da sala de aula é um lugar privilegiado, pois nele se encontram professores e alunos que participam de ambientes sociais diversificados, que necessitam estabelecer uma convivência. " E também aponta, lembrando Vasconcellos (2003) "que o professor necessita colaborar com a formação do educando na sua totalidade (consciência, caráter, cidadania), tendo como mediação fundamental o conhecimento, visando à emancipação humana".

O processo de aprendizagem não ocorre somente em sala de aula mas sim, a todo momento, ao se observar o que ocorre a nossa volta, sendo de extrema importância o aluno desenvolver o hábito de pesquisador, demonstrando interesse pelas coisas que existem a fim de desenvolver o aprendizado, para que se tome um ser questionador e crítico da realidade a sua volta.

Todavia, muitas características de cada um dos envolvidos estão presentes nesse processo, uma vez que o ser humano é capaz de transformar sua própria realidade, ao interagir com a cultura por ele produzida.

Diante de um mundo repleto de informações, que cada vez mais nos exige interação com objeto de conhecimento, o ser humano necessita do outro para se desenvolver cognitivamente e afetivamente e se diferenciarem dos demais.

Cerqueira (2006, p.34) nos coloca uma interrogativa: "Diante dessa complexidade que é o homem e do conceito de conhecimento como objeto de mediação que possibilita a emancipação do ser, então como enfrentar tal desafio em sala de aulas?"

A resposta a essa interrogativa, de acordo com Coll e Solé (1996), está no fato de ser na sala de aula o local onde se depara com todas essas questões, visto que é lugar, instituído pela sociedade, para a concretização das aprendizagens, lugar de encontro de pessoas que carregam no seu íntimo quase todas essas características já citadas.

Assim, para lidar com todas essas dimensões considera ser essencial despertar o desejo de quem aprende e também de quem ensina, pois é o desejo que impulsiona os seres humanos a se movimentarem no mundo.

Dessa maneira, entende-se que sendo a educação internacional e sistemática, interagindo com a realidade, com o social e cultural, deve-se encontrar meios de despertar o desejo para o processo de construção do conhecimento. (Cerqueira, 2006 p.34).

Percebe-se então, que papel do professor passa a ser de ajudar os alunos a entenderem a realidade em que se encontram.

Para que o professor desempenha com mestria sua aula, ele precisa conhecer o aluno, pois tudo o que diz respeito ao aluno deve ser do interesse do professor, não havendo como separar o ser humano profissional do ser humano pessoal. Isso significa que conhecendo ao aluno é mais fácil interagir com ele, perceber suas dificuldades e auxiliá-lo no que ele necessita para aprender. O professor na sua ação consciente das funções que desempenha em sala de aula deve incentivar o desafio, deve despertar o desejo, fazendo com que o aluno realize, por meio da interação educativa, a construção do conhecimento, cabendo ao professor o papel de agente facilitador (Cerqueira, 2006).

Superar o sistema tradicional de ensinar e de aprender é um propósito que tem de se efetivar urgentemente nas salas de aulas, uma vez que "recriar o modelo educativo refere-se primeiramente ao que se ensina aos alunos e a como se ensina; recriar esse modelo tem a ver com o que se entende como qualidade de ensino" (Manton, 2007, P.I) p.1)

Há tempos que qualidade de ensino significa alunos com cabeças cheias de todas, formulas, conceito, todos justapostos, lineares, fragmentados, enfim, o reinado das disciplinas estáticas e com muito, conteúdo. o desafio do professor passa a ser o de reunir alunos de diferentes níveis, diante de uma situação de ensino, em grupos desiguais, pois assim é que se passa na vida e é assim que a universidade deve ensinar como receita para se ter sucesso.

Conhecer as práticas pedagógicas e seu papel na história da formação do homem enquanto profissional e ser social é, de fato, importante para saber o caminho a ser traçado, pois sempre há aquela dúvida: será que se está no caminho certo? Será que a escolha das didáticas e metodologias que se usa em sala de aula é correta?

Trabalhar em sala de aula, na teoria é uma coisa, na prática, é outra. Adequar o ensino para uma classe mista, diversificada tanto no fator idade (o que não acontecia há dez anos, pois a maioria dos alunos era de jovens entre 18 e 25 anos, e hoje encontra-se alunos acima de 30 até 50 anos), quanto ao fator experiência profissional, colocação no mercado de trabalho (antes se estudava para se ingressar no mercado de trabalho, hoje se estuda para se manter nele) é um desafio diário. Desafio bom, porém que levanta certos questionamentos do seu papel enquanto profissional.

Essas duas variáveis, por exemplo, mostram outra realidade, a qual nós, professores, temos ter ciência para poder atuar de maneira consciente e cada vez mais invocadora na sala de aula, atendendo uma exigência do mercado de trabalho e da própria sociedade, que não se fazia em um passo recente.

Ser competente na universidade e na vida depende de tempo, e esse tempo, é contado desde cedo, quando, nas salas de aula, construímos conhecimento e aprendemos a mobilizar em situações as mais diferentes, que exigem transposições entre o que é aprendido e o que precisa ser resolvido com sucesso o que inclui diferenças de opiniões, de enfoques, de humores, de sentimentos.

Fava (2007) aponta que as concepções tradicionais de educação o aluno é visto às vezes como um ser passivo e com poucas chances de aumentar o seu saber, não permitindo que esse possa ver o mundo com os próprios olhos e que possa ter dissenso crítico adquirido na faculdade.

Deve-se há ver equilíbrio entre as duas partes: o aluno respeitando o professor como condutor do conhecimento em sala de aula e o professor respeitando o aluno como ser humano em processo de aprendizagem, e na construção de novos conhecimentos e de formação de valores.

Outra particularidade do professor em sala de aula é que o professor deve desempenhar várias funções, ou papéis diversificados que ajudarão no desempenho dos alunos. Sempre que o professor entra em sala de aula precisa estar preparado para assumir vários papéis, pois, haverá momentos em que o docente precisa se colocar no lugar dos alunos, ou seja, o docente precisa entender que os alunos precisam muito da orientação do professor, isso trará segurança para o aluno, ele vai produzir o conhecimento sabendo que se errar tem o professor ao seu lado para orientar e dar todo apoio. Outros papéis que o professor deve desempenhar são:

ADMINISTRADOR. O professor desempenha papel de administrador no sentido estrito do conceito definido no âmbito da administração científica, já que suas atividades envolvem planejamento, organização, monitorização e avaliação do processo de ensino e aprendizagem.

ESPECIALISTA. O professor é especialista num determinado campo dos conhecimentos. Não há como admitir que um professor possa dispor apenas de conhecimento genérico sobre a matéria que

lecionar. Isso (não é suficiente), pois ao longo das , os estudantes solicitam informações que não estão directamente relacionadas ao conteúdo proposto.

APRENDIZ. Durante muito tempo o professor após a sua formação , sentia-se seguro para transmitir os conhecimentos referentes a sua disciplina. Os conhecimentos evoluem tão rapidamente que os professores, para se sentirem aptos para leccionar, precisam estar constantemente aprendendo com a experiência dos seus colegas e dos estudantes.

MEMBRO DE EQUIPE. Durante muito tempo, o trabalho do professor foi considerado do tipo solitário. Cada vez mais, ele precisa contar com a colaboração de seus colegas. Para isso, é necessário que se sinta membro de uma equipe e que aja como tal.

PARTICIPANTE. Mais do que guiador, o professor é um participante no processo de ensino e aprendizagem. Não deve deixar de ouvir os estudantes em relação à definição dos objectivos do curso.

DIDATA. A didática deve ser entendida não apenas como ciência e técnica, mas também como arte do ensino. Dessa forma a actuação do professor enquanto didata precisa envolver aspectos artísticos do ensino.

DIAGNOSTICADOR DE NECESSIDADE. A motivação dos estudantes depende fundamentalmente de suas necessidades. Assim, cabe ao professor identificar suas necessidades para que os conteúdos ministrados correspondam às suas expectativas.

MEDIADOR DA APRENDIZAGEM. A postura mais centrada nos estudantes requer profundas alterações no papel do professor. Já não é fase do professor ser visto como fornecedor de informações . Hoje, ele é visto mais como mediador de aprendizagem; como alguém que ajuda o estudante a aprender.

ASSESSOR DO ESTUDANTE. As escolas necessitam atualmente de professores com conhecimentos especiais para proporcionar assessoramento aos estudantes em relação às atividades que são importantes para seu desenvolvimento. Trabalhos escritos, projectos, atividades de pesquisas, de laboratório, mesmo de leitura, requerem assessoramento constante do professor.

AVALIADOR. O papel de avaliador é um dos mais críticos no desempenho das atribuições do professor. Mas não há como deixar de considerá-lo , pois, no contexto da educação moderna, a avaliação não tem apenas carácter seletivo, mas também está directamente vinculada ao processo de aprendizagem.

LÍDER. O professor determina os objectivos e os meios para alcançá-los mediante a definição da estrutura e dos padrões de excelência e avaliação do desempenho dos estudantes. Mas é necessário que a observância desses meios se dê pelo prestígio do professor e por sua aceitação (por parte) dos estudantes. O que significa que este deve atuar como líder, muito mais do que como autoridade formal (Gil, 2013, p. 93)

3.12 O DEBATE EM SALA DE AULA

O professor apoiado pela didática precisa ter várias estratégias para desenvolver a sua aula de modo a atrair a atenção de seus alunos. Os debates em sala de aula são muito interessantes porque envolvem

todos os alunos e permitem que todos participem da aula. O mesmo incentiva os alunos a falarem em público (inclusive aqueles alunos mais tímidos da sala) e a expressarem suas ideias e reflexões, bem como, as experiências e vivências do dia a dia. Os debates em sala de aula também ajudam a estimular os alunos a ouvir a opinião dos seus colegas, a dialogar, a argumentar e a respeitar as opiniões dos demais. Leva-os, por fim, a reconhecer que a experiência coletiva pode ser tanto ou até mais rica do que as individuais. Portanto, é necessário que o professor domine bem o assunto a ser debatido e que também os estudantes tenham se preparado previamente para discussão, utilizando-se de leitura e pesquisas. Além desses fatores, é necessário que os professores tenham habilidade para coordenar a discussão tanto no sentido de evitar que apenas alguns alunos participem e que tenham cuidado para não interferirem de forma excessiva na exposição (Gil, 2013)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do pesquisado, pode-se concluir que o papel do professor na aprendizagem deve envolver a concepção social da educação e o seu próprio papel social, a fim de formar-se cidadãos críticos.

Um projeto educacional libertador é aquele que promove a aprendizagem, aquele que visa à formação de jovens conscientes de suas ideias e ideias. É daí que se iniciará o real processo de transformação da prática educacional mecanicista, é daí que se iniciará o extremo, sem iniciativa ou participação, tanto por parte do aluno quanto do professor, uma vez que ambos percebem seu lugar na universidade e a importância de trabalhar juntos, como se um dependesse do outro, pois o professor participativo é aquele que aprende durante a troca de experiência e não se contenta com menos.

Conhecendo as tendências pedagógicas também se torna essencial para que o professor não fique ultrapassado, se pretendo em metodologia não adequadas para a realidade na qual o aluno está inserido, atrapalhando desta maneira, o processo de aprendizagem e acabando por perceber seu papel de importância nesse processo.

Assim, ao concluir estas considerações, percebe-se que o papel do professor na construção do conhecimento, é de extrema importância, mas para que tal objetivo se concretize, ou seja, para que o papel do professor na construção do conhecimento ganhe importância, o professor deve também assumir uma diferente postura em relação à educação e às metodologias que procuram articular os processos de ensino e de aprendizagem com o de mudanças sociais que assolam o dia-a-dia de professores e alunos.

REFERÊNCIAS

- ALDANONDO, Javier Martinez. A in-digestão do conhecimento. Agosto 2006. Disponível em: <<http://kmol.online.ptl/artigos/2006/08/01/in-digestão>>
- ALMEIDA, Marilene. Questões do passado e do futuro no momento presente. 2007. Disponível em <http://www.colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprenda_mais/artigo/ver.asp?artigo_id=8>.
- BARBOSA, M.; BASQUEIRA, A. Ensino e aprendizagem: as teorias da Psicologia. Anuário da produção acadêmica docente, Valinho, SP, v.3, n.6, P. 75-96, 2010. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/lanudol/article/view/18531822>>.
- BARBOSA, M.; BASQUEIRA, A. Ensino e aprendizagem: as teorias da Psicologia. Anuário da produção acadêmica docente, Valinho, SP, v.3, n.6, P. 109-118, 2010. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/lanudol/article/view/1856/824>>.
- BRANDÃO, Hugo Pena; ANDRADE, Jairo E. Borges. Causas e efeitos da expressão de competências no trabalho: para entender melhor a noção de competência. RAM, v.8. n.3, 2007
- CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. Psic, v.7 n.1 p.29-38, jun,2006.
- COLL, C.; SOLÉ, L A intenção professor / aluno no processo de ensino e aprendizagem. In.: COLL, C.; 1996
- CUNHA, o afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na pratica pedagógica.Rio de janeiro 2008
- DEMO, Ser professor é cuidar que o aluno aprenda. Porto alegre:Mediação,2004.
- FAGUNDES, L.C.; BASSO, M. v. Informática educativa e comunidade de aprendizagem. Identidade social e a construção do conhecimento. Porto Alegre: SMES. 1997
- FAVA, Gilmar J. Produção de texto: um processo na perspectiva da sala de aula. 2007. Disponível em: <http://www.psicologiapedagogicabrazil.com.br/artigos_producaotexto.htm>.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro: paz e terra, 1979. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996.
- GIL, António Carlos. Didática do Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 2013.
- Garcia, Sheila Faria Alves. In: MARTINELLIS, Dante P.; GHISI A. Negociação. São Paulo: Saraiva, 2006P.245-258
- IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Desafios à docência Superior: pressupostos a considerar. In: Dilvo Ristoff; Palmira Sevegnani (Orgs). Docência na Educação Superior. Brasília, DF: INEP, 2006

- ISAIA, S. Professores de licenciatura: concepções de docência. In: MOROSINI, M. (Org). Enciclopédia de Pedagogia Universitária. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003.
- INTEGRAÇÃO. Os diferentes tipos de conhecimentos. 2008. Disponível em: <<http://www.delasalle.com.br/revistaintegracao/102/Revintegr102.pdf>>.
- LEI de base da Educação Lei nº 32/20 (Angola) no seu Artigo 65º
- LORTIE, D. C. Schoolteacher: a sociological study. Chicago: University of Chicago, 1975.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Ensinando a turma toda _ as diferenças na escola. 2007. Disponível em <<http://www.bancodeescola.com/turma.htm>>.
- MASETTO, M. (Org.) (2010): Docência na Universidade. 4.ª ed. Campinas: Papirus.
- PACHECO, Claudio Roberto de Freitas e MASETTO, Marcos T. O Estágio e o Ensino de Engenharia in MASETTO, Marcos T. (ORG>) Ensino de Engenharia- Técnicas para Otimização das Aulas, São Paulo, Avercamp, 2007
- NÓVOA, Antonio. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, Antonio. OS professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- NONAKA, Hirotaka; TAKEUCHI, Ikujiro. Criação de conhecimentos na empresa. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- OLIVEIRA, G.M. Paiva de; ARAÚJO, Ana Cristina; NASCIMENTO, J.M.L. O ato de estudar na vida acadêmica. 2009. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/anais/IXEnex.iniciacao/documentos/anais14.educacao/4CFTDCSAMT01.pdf>>
- PECOTCHE, Carlos B.G. introdução ao conhecimento logosófico. São Paulo: Logosófica, 2000. coletânea da revista logosófica. Tomo 1. São Paulo: Logosófica 2002
- PAULO FREIRE. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e terra, 2011.
- PIMENTA, e ANASTASIOU. Docência no ensino superior. São Paulo: Cortez, 2008.
- RAMANOWSKI, J.P. Formação e profissionalização docente. Curitiba: IBPEX, 2004.
- SILVA, Patrícia Sousa. A relação professor/aluno no Processo de Ensino / Aprendizagem. Revista espaço da sophia, n.7 out.2007
- SILVA, T.T. (Org.) Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TARDIF, Maurice. Saberes Docente e Formação Profissional. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 325p.
- TARDIF, M. o trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005

TARDIF, M. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Educação, n. 13, Jan- Abr/2000.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. Rio de Janeiro:PUC,1999.

UNIFESP. O ato de estudar. Disponível em: <[http://www.unifesp.br/centro/cedess/CD-Rom1 estudo °° 200 °° 20link1.htm](http://www.unifesp.br/centro/cedess/CD-Rom1%20estudo%20link1.htm)>.

VASCONCELLOS, C.S. construção do conhecimento em sala de aula. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1993.